

Imagens

EURICO EM ALAGOINHAS:
UMA TEMPORADA ENTRE LUZ E SOMBRA

Antonio Torres

DIÁLOGO ENTRE EURICO ALVES
E MANUEL BANDEIRA

Elegia para Manuel Bandeira

Eurico Alves

Escusa

Manuel Bandeira

Légua & Meia

LÉGUA & MEIA

Légua & Meia

LÉGUA & MEIA

Légua & Meia

LÉGUA & MEIA

Eurico em Alagoinhas: Uma temporada entre luz e sombra

Antonio Torres

Todos os crepúsculos agora estão em mim...

*Almas estranguladas passeiam com a minha alma de confidências,
pelas escuras alamedas do passado...*

*Porque vens, agora, sombra amiga,
quando esta longa noite do tempo veio para esquecer,
porque vens aflorar no meu caminho a sinfonia do meu tormento?
Perdi sonhos, perdi desejos infecundos, perdi de ouvir a música do tempo.*

É como se fosse a vida que imitasse a arte. Assim pensa o autor destas linhas num dia do mês de março de 2009, ao ler um poema que Eurico Alves Boaventura escreveu em 1951. Trata-se do belo e melancólico *Rondó das sombras consoladoras*, cujo trecho acima ilustra à perfeição a memória de uma tarde de 1970, quando o poeta recebeu em sua casa, numa ensolarada e solitária rua que se chamava Manuel Bandeira, uma *alma estrangulada* pelo excesso de horas presa à poltrona de um ônibus comum, do Rio de Janeiro a Feira de Santana.

Foi uma breve visita. E de surpresa. Nada além de uma pausa a meio do caminho para outros nortes, e para acorçoar-se ao sabor de um café e dois dedos de prosa, que resultariam num passeio *de confidências* pela *longa noite do tempo* em *alamedas escuras do passado*, e que, revisitadas agora, desembocam na página de *Luz em agosto* na qual William Faulkner escreveu: *É o conhecimento – e não a dor – que faz você se lembrar de centenas de ruas selvagens e ermas.*

Eurico Alves com a mulher e os filhos na casa da rua Manuel Bandeira. Foto 1971.





Erma, sim. Selvagem, não – poderia ter concluído o recém-chegado à ruazinha àquela hora deserta, e ao ser recebido com a fidalguia peculiar a um homem de letras citadino de reconhecível herança aristocrática rural. E Juiz de Direito, ainda por cima, embora já a viver os crepúsculos da aposentadoria na sossegada Rua Manuel Bandeira, a quem o autor da *Estrela da vida inteira* devia a homenagem, por razões que a esta altura, imagina-se, poeta algum ignora, pelo menos na Bahia.

Recorda-se aqui a entrada da casa por uma varanda lateral, onde havia uma cadeira de balanço. Acrescente-se ao impacto visual das singelezas à chegada, portas e janelas azuis, e paredes brancas, tudo a trazer para a arquitetura urbana do século XX uma evocação da era das mansões coloniais, se é que não se delira nessa recordação.

De certeza é que àquela hora o sol amenizava-se, já em queda para o poente. E que um vento morno regia a *música do tempo*, numa orquestra a farfalhar em memorável concerto a sua *Antífona para depois de amanhã*: “O vento marca o tempo, o tempo que ouço uivando/ nas marchas dos moços sem rumo.”

Elegantemente trajado, como de hábito, o doutor Eurico Alves Boaventura encaminhou o seu visitante a uma mesa senhorial ao centro da sala, na qual reinava o silêncio,

quebrado apenas quando surgiu uma senhora (parente sua, talvez) para cumprir o sagrado ritual da hospitalidade sertaneja, ao portar uma bandeja com um bule e duas xícaras de café. O que faltava ali? Os convivas de outra sala há onze anos atrás, numa cidade chamada Alagoinhas, onde o anfitrião era o mesmo dessa tarde que parecia mais propícia a uma soneca do que a recepções não programadas.

Mas não. O protagonista desta história era, antes de tudo, um ser gregário, um mestre na arte do convívio. Recebeu a inesperada visita de braços abertos, e de forma tão calorosa que preenchia o vazio das ausências, a começar pela dos familiares, àquela hora cuidando de seus afazeres fora das instâncias domésticas. E de que cuidava ele, agora, à sombra dos seus sessenta e um anos? Dos retoques finais num livro de mais de mil páginas datilografadas, que lhe havia consumido, em pesquisas e elaboração, a maior parte dos anos já vividos. Com o calhamaço à mesa, de repente a sala povoou-se dos vaqueiros que traçaram *a rota primitiva dos destinos da Colônia que Portugal criou neste lado do Atlântico*, na saga que levaria à *civilização do pastoreio*. Ler em voz alta era para ele uma praxe que vinha há muito do tempo, certamente bem anterior às tertúlias na biblioteca de sua casa de Alagoinhas, em noites em que cintilava uma nova constelação da poesia brasileira, que em sua voz descia redonda em ouvidos até então mais afinados com a lírica d'antanho, que os anos não traziam mais, numa cidade que ainda se movia ao ritmo dos boleros, embora já a ensaiar os primeiros passos de *Rock'n roll*.

Se foi um privilégio privar dos saraus na intimidade do seu lar alagoinhense, a partir do que seus convivas não mais leriam poesia da mesma maneira, imagine o que dizer da honra de ser brindado com as primeiras páginas de uma obra inédita, cuja envergadura sociológica e histórica transcendia a dimensão do volume e o esforço ciclópico do autor para realizá-la. Mas de repente ele parou. E não por cansaço ou para fazer algum comentário. Com uma mão sobre a página (devia ser a quinta ou a sexta), cuja leitura interrompera, e, abaixando ainda mais os olhos, que se apertavam por trás dos óculos, disse, em tom sussurrante, como se falasse para si mesmo:

— Quando eu me lembro...

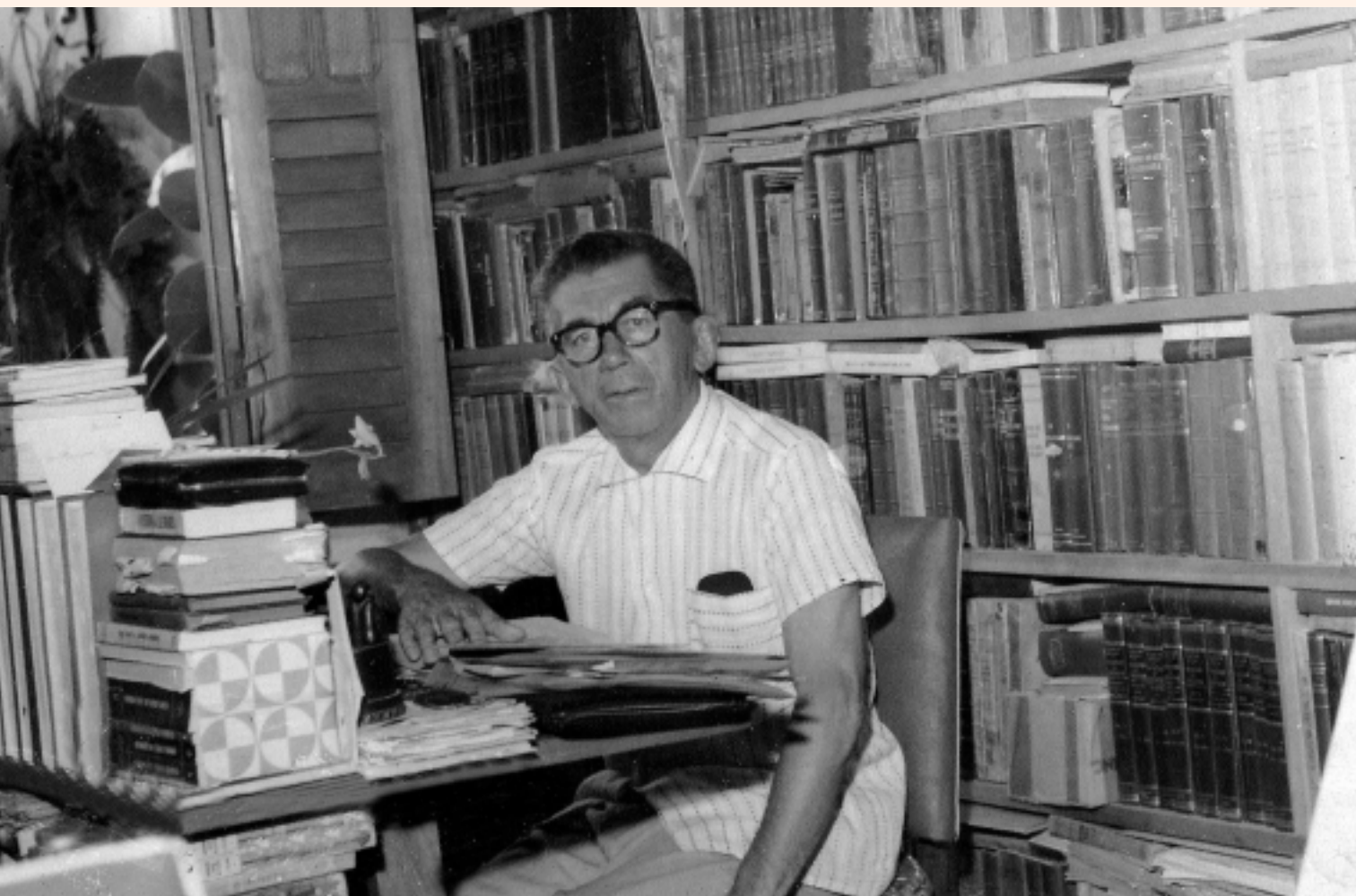
Perturbado pelos sinais de desgosto que a repentina lembrança estampava num rosto àquele instante visivelmente sulcado de mágoas, o eterno ouvinte do poeta, ensaísta etc. e mestre informal Eurico Alves Boaventura eclipsou-se entre a luz externa, porta e janelas afora, e a sombra interna em uma alma martirizada do tempo. Restava saber que martírio era esse.



– Você sabe o que aconteceu comigo?

A cena congela aqui, no retrospecto que se tenta fazer agora. Porque a memória só alcança até aquela pergunta, diante da qual o seu ouvinte não se sentiu uma sombra consoladora, mas uma presença incômoda, desassossegadora, que trazia para aquela sala a lembrança da cidade onde o que acontecera fora abominável demais para ter consolo ou remissão, embora não saiba, agora, se já chegara àquela mesa, naquela casa de Feira de Santana, e naquela tarde de 1970, sabendo o que se passara com o Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca de Alagoinhas no terrífico ano de 1964, na sequência das arbitrariedades militares, cuja dolorosa lembrança o tornava (a ele, o Juiz) refém do estribilho do rondó que escrevera vinte e três anos antes: *Todos os crepúsculos agora estão em mim...* Pois agora, e por ironia do destino, ele devia estar sentindo de veras a dor que poderia então ter sido apenas um fingimento.

Gabinete de Eurico Alves em Alagoinhas, 1963.



O QUE FOI MESMO QUE LHE ACONTECEU?

– Sim, eu me lembro – diz Valdemar Paraguassu, que há muitos anos vive em Salvador, mas em 1964 morava em Alagoinhas, e a poucos passos da casa do doutor Eurico, como o chamam todos daquela cidade que o conheceram. – Fomos presos num mesmo dia. Assim que me soltaram, fui embora, para assumir um emprego no Banco do Brasil em outro lugar. Por isso não soube o que aconteceu com ele depois da sua prisão. O que me lembro é do clima de terror daqueles dias, quando um comerciante encrenqueiro de lá passou a acusar de subversivo todo aquele com quem ele tinha alguma contrariedade, ou simplesmente a quem não simpatizava. Foram tantas as prisões por denúncias desse tipo, que elas viraram uma esculhambação, a ponto de o comando local das repressões ter de exigir que só fossem feitas por escrito. E com firma reconhecida!

O que dizer disso agora? Que teria sido cômico se não fosse trágico?

No caso específico do doutor Eurico, porém, a maledicência fora engendrada por um Oficial de Justiça. É o que recorda Aristóteles Freitas Costa, que àquela época era um dos alunos que mais se destacava no Ginásio de Alagoinhas, e que, como outros estudantes intelectualmente inquietos, tinha em doutor Eurico um mentor extra-classe. Costumava visita-lo no Fórum, às vezes acompanhando-o a caminho de casa, parando numa esquina e outra, em conversações que podiam ultrapassar uma boa meia hora. Formado em Direito, o velho Arica hoje mora no bairro de Icaraí, em Niterói, RJ. O que lembrou mais, ao telefone:

– Ele me aconselhava a não parar de estudar. E me indicava autores, me incentivava a ler muito. E bem. Uma vez me emprestou um livro de poesias traduzido por Manuel Bandeira, que não devolvi, porque não o vi mais, depois da sua prisão.

– E por que você não o viu mais?

– Eu trabalhava numa sorveteria do meu pai e um dia vi o policial que prendeu o doutor Eurico parado na porta, me encarando. Deduzindo que ele estava de olho em mim, fui me esconder numa fazenda que a gente tinha, e por lá fiquei um tempo, esperando a poeira baixar. Quando voltei, o doutor Eurico já não morava mais na cidade. Os comentários eram de que ele havia sido transferido para Vitória da Conquista.

Foi o que aconteceu, confirma Juraci Dórea em seu ensaio *Eurico Alves e a Feira de Santana*. Está no livro *A poesia de Eurico Alves – Imagens da cidade e do sertão*, organizado por Rita Olivieri-Godet, e publicado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia

em 1999. Amigo de Eurico de longa data, o artista plástico, arquiteto e também poeta Juraci Dórea esclarece: s períodos de férias, Eurico pouco viveu em Feira de Santana. Aos 14 anos de idade (1923) ele já se encontrava em Salvador, matriculado no Ginásio N. S. da Vitória [...] Em 1934, recém-formado, estava em Feira de Santana, porém logo no ano seguinte transferiu-se para Capivari, hoje Macajuba e Jacuipe, Poções, Canavieiras, Alagoinhas, Vitória da Conquista e o doutor Eurico Alves Boaventura só voltou a viver na capital já perto de aposentar-se, e isto pouco ou nada influiria mais em seu destino literário.

Voltemos à sua temporada de Alagoinhas (1959-1964), não necessariamente *Une Saison en Enfer*, mas que só não se tornou uma página em branco na história de Eurico graças às incansáveis buscas biobibliográficas de Juraci Dórea e à memória de Maria Eugênia Boaventura, que era bem pequena naquele tempo, mas ainda se lembra que a casa ficava à Rua Carlos Gomes, 63, com a biblioteca na sala de visitas, e que era frequentada pela professora Normândia Azi Lacerda, o advogado Murilo Cavalcanti, um funcionário da Justiça do Trabalho chamado Giése (José Giése da Cruz, primo do autor destas linhas), o alfaiate que fazia os blazers do seu sempre elegante pai, que por sua vez fundou o Lyon's Clube da cidade, tendo sido o seu primeiro presidente. Maria Eugênia recorda-se ainda que o doutor Eurico foi professor do Ginásio de Alagoinhas, onde dava aulas pautadas pela pluralidade de conhecimentos.

Entre as pessoas lembradas pela professora Maria Eugênia, há uma que poderia emergir das sombras reivindicando este epitáfio:

Tropeço, dentro da noite em cadáveres de sonhos...

Porém, mãos de suicidas,
As dolorosas e augustas mãos dos suicidas,
Vêm ensombrar a minha frente para eu sonhar...

Todos os crepúsculos agora estão em mim...

No contexto destas memórias, esses versos evocam o trágico fim de um dos convivas das tertúlias à Rua Carlos Gomes, 63, Alagoinhas, Bahia. Nascido num distrito de Inhambupe chamado Junco (hoje a cidade de Sátiro Dias), onde fora batizado e registrado com um sobrenome de origem alemã como nome próprio, apostado ao de José, Giése cometeu o tresloucado gesto na casa do bispo de Juazeiro da Bahia, aí pelo ano de 1971, deixando uma carta cujo conteúdo o bispo jamais revelaria, por



Eurico Alves com a esposa, Luíza Gama Boaventura, e os filhos, Antônio Augusto, Maria Tereza, José Gonçalo e Maria Eugenia.

considerá-lo um segredo de confissão. Para que não se avenge premonições do poeta, lembremos que o Rondó das sombras consoladoras é de 1951, e, também, que Eurico e Giése só vieram a se conhecer em 1959. Mas como evitar a tentação de dizer outra vez que foi a vida que imitou a arte?

1959-2009: MEMÓRIAS, SONHOS...

Assim se passaram cinquenta anos: envoltos em sombras [que] abafaram os passos das distâncias/ para que não perturbassem o sono do silêncio...

– Atirador 22, sentido! Marche, marche! Do Tiro de Guerra 110 ao Ginásio de Alagoinhas, e de lá ao Fórum ou à Rua Carlos Gomes, 63 – em 1959!



Há um fabuloso tempo a ser reencontrado nessa marcha de volta.

Chegou a hora de fazer-se a luz sobre a sombra dolorosa e inexpressiva como um sonho morto que até aqui pairava na sua memória, porque você, por mais que se esforçasse, não conseguia enxergar com nitidez todo o impacto causado pela chegada do juiz-poeta Eurico Alves Boaventura àquela cidade das luzes verdes nas fachadas, em um ano de sonhos dourados de uma juventude que ele mesmo faria crer-se promissora. “Memória! Junta na sala do cérebro...” Sobre o que vocês conversavam? Nas tertúlias que promovia, ele lia seus próprios poemas? E que poetas lidos ou recomendados por ele foram verdadeiras revelações? Alguns deles chegaram a ser tão decisivos para sua formação literária, quanto os ficcionistas – Jorge Amado e Graciliano Ramos, por exemplo –, que o professor Carloman Carlos Borges levou você a conhecer, dois anos antes? Enfim, qual foi o seu real legado?

Resposta: só agora, e graças à memória do caro colega do Ginásio de Alagoinhas Aristóteles Freitas Costa, me dou conta de quem pode ter me levado a ler um poema de Federico Garcia Lorca traduzido por Manuel Bandeira, e que começa assim:

Cantam os meninos
na noite quieta;
arroio claro,
fonte serena.

OS MENINOS:
Que tem teu divino
coração em festa?

EU:
Um dobrar de sinos
perdido na névoa.

A lembrança desses versos, muitos anos depois de os haver lido em algum lugar do passado, e certamente num livro emprestado pelo doutor Eurico, levou-me a escrever o romance *Balada da infância perdida*, cuja primeira edição é de 1986, e que foi traduzido para o inglês com o melódico título *Blues for a lost childhood*. E agora também me lembro do meu segundo dia de trabalho como aprendiz de repórter policial no *Jornal da Bahia*, ao desembarcar de Alagoinhas em dezembro de 1959. Como no dia

anterior eu havia fracassado na cobertura do movimento do porto de Salvador, onde não fui capaz de farejar uma manchete espetacular – um tiroteio cinematográfico entre policiais e contrabandistas –, me empurraram para o Necrotério Nina Rodrigues. Dali não iria voltar sem assunto. Logo à entrada via-se, estirado num estrado, o cadáver de um rapaz que se matara.

Corri para o jornal e comecei a matéria com um poema de Godofredo Filho que falava do absurdo de se morrer aos 20 anos, entregando-a em seguida, e com a ansiedade imaginável, ao chefe de reportagem, o poeta João Carlos Teixeira Gomes, que a passou ao chefe da reportagem policial, o também poeta Jeová de Carvalho, que por sua vez mostrou-a ao editor-chefe, o ficcionista Ariovaldo Matos que, de dedo em riste, disse ao aprendiz de repórter que ele estava ali para fazer jornalismo e não literatura, que poesia era coisa de... Bom, felizmente não perdi o emprego. Mas o que importa aqui é que com certeza foi Eurico quem me levou a ler Godofredo Filho. E Cassiano Ricardo. E Jorge de Lima – com quem se correspondia - de cuja obra hoje se diz que “permanece robusta e poderosa como um penhasco, na solidão incomparável do gênio”.

... REFLEXÕES

Não dá para imaginar que Eurico um dia tenha tido pretensões de ser posto pela posteridade nas mesmas alturas de seus mais festejados (e fraternos) pares Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Ele não era, como Gilberto Freyre – que reconhecia como grande escritor – “uma pessoa feita para se ver no espelho”. E sua obra continua “restrita a um pequeno círculo de amigos e especialistas”, como constata Juraci Dórea, mesmo em se tratando de “uma figura de proa nos primórdios do modernismo na Bahia”, no dizer do consagrado poeta Florisvaldo Mattos.

Tiremos-lhe das sombras. Para que este não seja um tributo a cem anos de solidão.

Antônio Torres, jornalista, redator de publicidade e escritor, estreou com o romance *Um Cão Uivando nas para a lua*, em 1972. Em seguida, publicou mais dez romances, sendo os mais recentes: *O nobre sequestrador* (2003) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Durante anos, ministrou oficina de textos na UERJ, como escritor convidado. Recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em 2000, pelo conjunto da obra.

Eurico e a filha Maria Eugenia, em Poçoões.



Eurico Alves com os pais e irmãs.



A Fazenda Fonte Nova, em São José das Itaporocas. Janeiro de 2000.



Eurico e a esposa, Luiza.



Eurico Alves e Hélio Simões, poetas modernistas do grupo *Arco & Flexa*.





N. VIEIRA
TEIRA

DIÁLOGO ENTRE EURICO ALVES E MANUEL BANDEIRA

Juraci Dórea

Na década de 30, um episódio chamou a atenção para o nome de Eurico Alves: o famoso diálogo poético com Manuel Bandeira. Sob o impacto da leitura do livro *Libertinagem*, de Bandeira, ele escreveu um poema, intitulado “Elegia para Manuel Bandeira”, convidando o poeta pernambucano a visitar Feira de Santana. Sem o seu conhecimento, Carvalho Filho datilografou os versos e enviou para Bandeira, que respondeu com outro poema. “Eu estava operado no hospital, quando apareceram Carvalho e Godofredo Filho com a Escusa”, registrou Eurico Alves, em carta para sua filha Maria Eugenia Boaventura, datada de 1º de janeiro de 1969.

Nos anos 60, a “Escusa”, que já havia saído em livro, integrou uma antologia, organizada pelo próprio Bandeira, com o título de *Meus poemas preferidos*.

ELEGIA PARA MANUEL BANDEIRA

Eurico Alves

Estou tão longe da terra e tão perto do céu,
quando venho subir esta serra tão alta...

Serra de José das Itapororocas,
afogada no céu, quando a noite se despe
e crucificada no sol se o dia gargalha.
Estou no recanto da terra onde as mãos de mil virgens
tecem o céu de corolas para meu acalanto.
Perdi completamente a melancolia da cidade
e não tenho tristeza nos olhos
e espalho vibrações da minha força na paisagem.

Os bois escavam o chão para sentir o aroma da terra,
e é como se arranhassem um seio verde, moreno.

Manuel Bandeira, a subida da serra é um plágio da vida.
Poeta, me dê esta mão tão magra acostumada a bater nas teclas
da desumanizada máquina fria
e venha ver a vida da paisagem
onde o sol faz cócegas nos pulmões que passam
e enche a alma de gritos da madrugada.
Não desprezo os montes escavados
tal o meu romântico homônimo de Guerra Junqueiro.
Bebo leite aromático do candeial em flor
e sorvo a volúpia da manhã na cavalgada.
Visto os couros do vaqueiro
e na corrida do cavalo sinto o chão pequeno para a galopada.

Aqui come-se carne cheia de sangue, cheirando a sol.

Que poeta nada! Sou vaqueiro.

Manuel Bandeira, todo tabaréu traz a manhã nascendo nos olhos
e sabe de um grito atemorizar o sol.

Feira de Santana! Alegria!

Alegria nas estradas, que são convites para a vida na vaquejada,
alegria nos currais de cheiro sadio,
alegria masculina nas vaquejadas, que levam para a vida
e arrastam também para a morte!

Alegria de ser bruto e ter terra nas mãos selvagens!

Que lindo poema cor de mel esta alvorada!

A manhã veio deitar-se sobre o sempre verde.

Manuel Bandeira, dê um pulo a Feira de Santana
e venha comer pirão com carne assada de volta do curral
e venha sentir o perfume de eternidade que há nestas casas

[de fazenda,

nestes solares que os séculos escondem nos cabelos

[desnatrados das noites

eternas venha ver como o céu aqui é céu de verdade
e o tabaréu como até se parece com Nosso Senhor.

ESCUSA

Manuel Bandeira

Eurico Alves, poeta baiano,
Salpicado de orvalho, leite cru e tenro cocô de cabrito,
Sinto muito, mas não posso ir a Feira de Sant'Ana.

Sou poeta da cidade.
Meus pulmões viraram máquinas inumanas e aprenderam
[a respirar o gás carbônico das salas de cinema.
Como o pão que o diabo amassou.
Bebo leite de lata.
Falo com A., que é ladrão.
Aperto a mão de B., que é assassino.
Há anos que não vejo romper o sol, que não lavo os olhos
[nas cores das madrugadas.

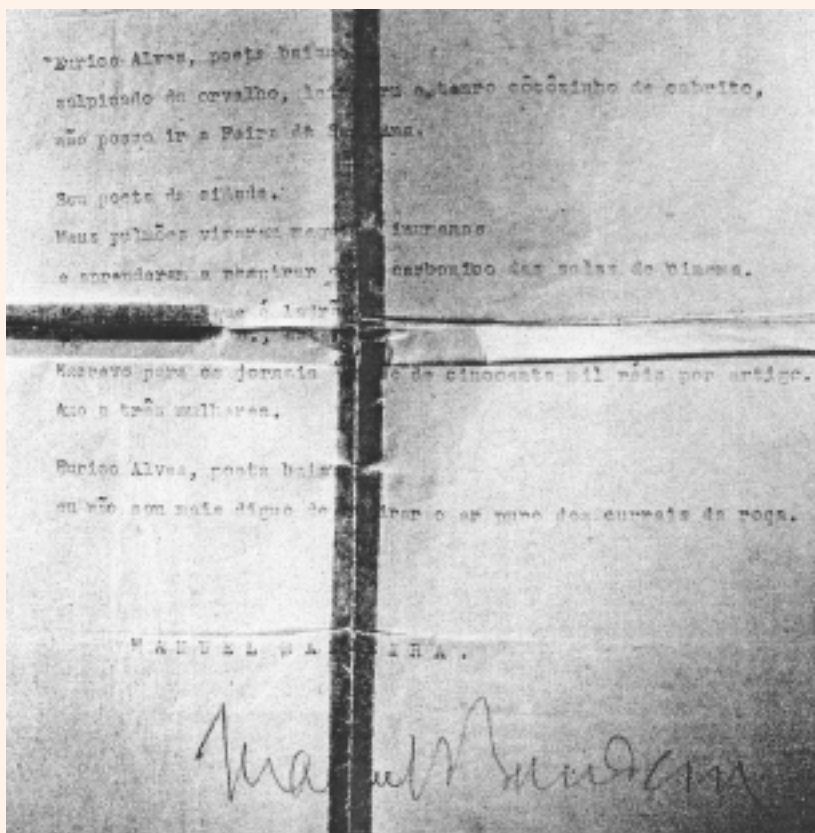
Eurico Alves, poeta baiano,
Não sou mais digno de respirar o ar puro dos currais
[da roça.





Rua Manuel Bandeira, em Feira de Santana.
Uma homenagem de Eurico Alves ao poeta pernambucano.





Original do poema "Escusa", fotografado em 1976, por Juraci Dórea. Acervo EAB.

Godofredo Filho, Eurico Alves e Carvalho Filho na Fazenda Fonte Nova. Foto Juraci Dórea

